

senhores, que venho, perante a Ilustrada Comissão de Inquérito, na defesa do direito eleitoral, obrigado a analisar as misérias desse eterno entremez, dessa comédia bufa que os potentados chamam de eleição”(271). A 19 de junho desse ano, realizava-se no salão nobre do *Jornal do Comércio* a costumeira hora literária organizada pela Sociedade de Homens de Letras. Terminada a sessão, à saída, ocorreu o incidente de que resultou a morte do poeta Aníbal Teófilo. Em torno do caso, que teve enorme repercussão na imprensa, criou-se o clima gerado pelas paixões políticas da época. Gilberto Amado, que assassinara Teófilo, era jornalista de *O País* e amigo de Pinheiro Machado. A 8 de setembro, no Hotel dos Estrangeiros, Manso de Paiva apunhalava Pinheiro Machado, abalando o país e particularmente o mundo político. A técnica de imprensa, consideravelmente avançada em relação aos fins do século XIX, mas ainda precária, foi posta à prova, com notícia tão sensacional: a edição extraordinária do vespertino da oposição trazia os berrantes cabeçalhos relativos ao crime misturados ainda à caricatura páfida, da edição inicial, em que Pinheiro Machado aparecia sentado, carregando ao colo Rosa e Silva, o seu último rebento senatorial.

O grande tema do exterior era, evidentemente, a guerra irrompida em julho de 1914. As simpatias da imprensa iam todas quase para os Aliados: a 7 de agosto, pela *Gazeta de Notícias*, Paulo Barreto dava o tom, no artigo “O Imperador Louco”: “Não só nós latinos, nós filhos do Mediterrâneo, a pia batismal da civilização perfeita, sentimos o horror do grande mal. Todas as raças, todos os povos hão de sofrer-lhe as conseqüências. Os escombros do esforço universal clamarão contra o frenesi do Imperador Louco que incendeia a terra e a encharca do sangue de milhões de homens”. No *Imparcial*, a 24 de agosto, José Veríssimo escrevia: “O universal movimento de simpatia pela França é menos amor desta que reprobção da Alemanha, do regime político-militar que ela se deu e da arrogância que lhe insuflou uma quem sabe se não exagerada confiança na sua força”. Em setembro, depois da batalha do Marne, Veríssimo escreveu o artigo “O Dever da América”, pregando a intervenção contra a Alemanha; assumia a presidência da Liga pelos Aliados, com a ajuda de Graça Aranha e Nestor Vitor. Mais sereno, a 13 de outubro, no mesmo *Imparcial*, João Ribeiro estudava o problema da neutralidade. Os germanófilos eram poucos, Oliveira Lima entre eles; Antônio Torres ficava como simples simpatizante; o grosso dos escritores formava com os Aliados: Bilac, Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque. Acreditavam, sinceramente, que aquela guerra era destinada a salvar a civilização, que os alemães assassinavam crianças belgas.

(271) Afonso Arinos de Melo Franco: op. cit., págs. 810/811, II.